



## **Cartas no Globo Rural: do tratamento televisivo às respostas científicas especializadas ao público rural<sup>1</sup>**

Júlia Silva FERNANDES<sup>2</sup>

Orientada por Frederico BELCAVELLO<sup>3</sup>

Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **Resumo**

Atualmente, a população urbana tem acesso aos mais diversos tipos de estímulos e informações, estão cercados de soluções às suas indagações. Mas assim como há a divisão entre morro e asfalto para dividir a favela e a “cidade”, há uma outra oposição ainda mais antiga entre urbano e rural. A população rural encontra-se distanciada das principais informações que deveriam favorecer ao desenvolvimento de suas propriedades. Para sanar suas dúvidas as comunidades rurais recorrem aos meios de comunicação e pesquisa que fazem uso de linguagens peculiares a seus públicos para responder a estes anseios. Este trabalho tem o objetivo de apresentar reflexões sobre o processo de tratamento dado às respostas das cartas do programa Globo Rural, que exercem o papel de ligação entre a pesquisa e a prática imediata de melhores soluções à agropecuária.

**Palavras-chave:** comunicação rural; televisão; conhecimento; linguagem; Globo Rural.

### **A comunicação rural e o conhecimento**

Para elucidar os problemas e transformar a vida da população rural em prol do melhoramento desta, foi desenvolvido o conceito de comunicação rural.

A comunicação rural é o conjunto de fluxos de informação, de diálogo e influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida rural (BORDENAVE, 1983, p.7).

A comunicação rural é um processo mais abrangente do que a Informação Agrícola, porque enfatiza a troca e o diálogo multilateral, enquanto a segunda, focaliza apenas um fluxo de informação.

Os homens e as comunidades ocupantes do habitat rural, “pensam, sentem e agem de maneira diferente da dos habitantes das cidades, comunicando-se também através de códigos e meios próprios.” (BORDENAVE, 1983, p. 1).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Aluna do 8º período do Curso de Comunicação Social do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

<sup>3</sup> Orientador Acadêmico.



O filósofo grego Platão, desenvolveu a Teoria do Mito da Caverna, que divide o mundo em dois. No mundo das idéias, no qual há muita luz do sol e o mundo sensível, onde a sombra dos objetos reais estão projetadas nas paredes de uma caverna escura. O primeiro mundo apresentado traz em si os objetos reais que, no segundo mundo são apenas aparência.

O conhecimento chamado de sensível (por causa dos sentidos) é formado pelos objetos que estão no mundo material e parecem ser reais, o que faz com este pensamento seja enganoso. É nele, que se encontram o senso comum e os preconceitos, por exemplo. Em contrapartida há o conhecimento das verdades absolutas, de essência pura que são produzidas pela alma e dadas pelos objetos reais, que formam o mundo das idéias. (SANTOS, 2000, p.35)

A análise dos mundos de Platão, permite que entendamos as formas do homem adquirir o conhecimento: permanecendo dentro do breu da caverna, sem informações e fazendo uso do repertório lexical e conteudístico ao qual está habituado ou buscando alternativas e novas possibilidades em busca da luz das idéias que são verdadeiras e portanto, reais.

O homem do campo encontra-se na caverna platônica em relação ao conhecimento urbano, não por acomodação, mas por causa do modo de vida no qual está inserido. A escuridão rural refere-se a uma característica deste meio que é a *in-comunicação*, determinada por fatores sociais como o analfabetismo, longas e intensas horas de trabalho; o gradual processo de eletrificação rural que ainda não atinge a maioria dos lares; a diferença entre patrões e empregados, acrescida de outros fatores que fazem com que nem sempre o produtor consiga manifestar suas aspirações com plenitude; e facilidade em busca de melhores soluções. A *in-comunicação* faz com que o produtor rural esteja em desvantagem com a população urbana que tem acesso, aos mais diversos canais e meios de expressão.

No sentido contrário da *in-comunicação* está a própria comunicação, que realizada de forma correta, colabora para o desenvolvimento do sistema de produção do agricultor que une: terra, capital, trabalho e administração. Para que todos esses fatores progridam é preciso informação para a tomada de melhores decisões sobre a adoção de inovações tecnológicas e procedimentos corretos.

Callou (2000, p. 5) afirma que “[...] a comunicação rural tradicionalmente se caracterizou por uma comunicação face a face entre extensionistas (organizações) e agricultores e seus familiares (população rural).”



Sobre este aspecto, é necessário ressaltar que nesta atividade há a possibilidade de interação presencial na comunicação rural, que apresenta diversos modelos de desenvolvimento rural. São eles: o *difusionismo*, que tem como objetivo central, diminuir a distância entre o lançamento de uma inovação e sua adoção; o *modelo de pacotes*, que agrega as idéias de difusão, porém acrescentando um pacote de técnicas e serviços ao alcance do produtor; o *modelo de inovação induzida pelo mercado*, visto principalmente do ponto de vista econômico, o *modelo organização e participação*, no qual a comunicação apresenta-se como aliada divulgando e promovendo as organizações de agricultores e por último, o *modelo de transformação estrutural*, que além de questionar a estrutura básica da sociedade, procura unir todos outros modelos citados de forma global para a mudança social (BORDEVAVE, 1983).

Independentemente do modelo adotado, a comunicação rural deve exercer o seu papel, atuando como propagadora de conhecimento voltado para a transformação e incorporação das melhores práticas para os produtores, no sentido de que a agricultura é uma atividade cada vez mais dependente do mercado e também competitiva.

Em primeiro lugar, a comunicação retoma sua verdadeira identidade como expressão da cultura popular e, em lugar de reduzir-se a códigos instrumentalizados por meios mecânicos ou eletrônicos, utiliza todos os meios que a cultura popular sempre usou para se manifestar: canções, lendas, contos, danças, mímica, poesia, teatro (BORDENAVE, 1983, p. 43).

Ao encontro desta idéia de re-afirmação da cultura popular, há também o segmento da “folkcomunicação”, que complementa os estudos de comunicação rural. “A ‘folkcomunicação’ caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural.” (MELO, 2008, p.17).

Desenvolvido pelo jornalista e professor de comunicação Luiz Beltrão, este tipo de estudo realizou-se primeiramente em busca de “decodificações da cultura de massa (ou suas leituras simplificadoras da cultura erudita) feitas pelos veículos rudimentares em que se abastecem simbolicamente os segmentos populares da sociedade.” (MELO, 2008, p.18). Beltrão comprovou com seus estudos que os meios de comunicação (imprensa, rádio, a televisão e o cinema) veiculam mensagens que são incompreendidas pelos bolsões “culturalmente marginalizados”.



Na prática jornalística de divulgação das notícias é preciso escolher os critérios de noticiabilidade para a atração do público, seja ele leitor, telespectador ou ouvinte. Pensando que a população urbana, “consome” mais este tipo de comunicação, um curioso fator chama a atenção para a explicação do critério de proximidade.

Todas as notícias locais possuem essa característica. A pessoa que tem um problema a perturbá-la, como um terreno baldio ao lado de sua residência ou a precariedade da iluminação pública, procura com mais interesse a nota que aborde esses assuntos do que o telegrama procedente de Washington que fala sobre as atividades do Presidente norte-americano. (ERBOLATO, 2006, p.61).

Neste aspecto, a população rural parece aproximar-se da urbana, quanto a procura daquilo que lhe é semelhante, próximo. Outro apontamento deve ser feito em relação à in-comunicação, já que os habitantes da cidade teoricamente deveriam contar com mais estudo e conteúdo do que aqueles que vivem na zona rural, procurando conteúdos mais densos. Mas, dentro desta ótica, a diferença entre estas populações é que faltam para a segunda, os meios de propagação e informação amplamente presentes para a primeira.

### **O programa Globo Rural e a ciência: um breve histórico**

As primeiras cidades de que se tem conhecimento foram formadas na região da Mesopotâmia, próximas aos rios Tigre e Eufrates. O que se acredita, é que estas posições territoriais tenham surgido próximas aos rios em função do desenvolvimento e a necessidade de irrigação e solos férteis para o plantio e a produção de alimentos. Era o início do conceito de abastecimento e agricultura.

No desenrolar da história, há um momento em que os países têm suas economias majoritariamente agrícolas. Na América Latina, percebe-se ainda esta dependência deste tipo de produção.

Entre 1964 e 1985, a realidade rural brasileira modificou-se, mas antes deste período o Presidente João Goulart previa uma reforma agrária e melhor distribuição de terras. Durante a ditadura, a partir de 1964, a concentração de terras começou a ser algo presente e crescente na realidade brasileira e em decorrência deste fato, ocorreu um grande êxodo rural em direção a melhores oportunidades nas grandes cidades e o abismo entre a realidade rural e urbana começava a se consolidar.



Com olhar sobre o campo de forma distanciada, acesso às novas tecnologias e abertura de mercados, começam a surgir dentro do modelo desenvolvimentista e consumista, o agronegócio exportador, a indústria de insumos, maior envolvimento da economia e inserção de índices econômicos sobre a produção. A comunidade rural passa a ser vista sobre outros aspectos, principalmente com a expansão das monoculturas, como a soja por exemplo, e da importância da agricultura familiar,

Dentro desta visão, surge o Programa Globo Rural, exibido pela Rede Globo de Televisão, em 1980, para retratar os assuntos de interesse do agricultor, divulgar os principais eventos e festas regionais, meteorologia, preço e índice das safras.

Há 28 anos o programa está no ar e atualmente, ele é exibido em duas edições: a primeira mais compacta e objetiva desempenhando o papel de telejornal rural transmitido de segunda à sexta, às 6h10min. Já a edição de domingo, apresentada às 8h, contém matérias mais elaboradas, reflexões sobre temas relevantes à agricultura, pecuária e ao agronegócio.

Considerado referência para telejornalismo brasileiro de programa do gênero no Brasil, o Globo Rural, busca um modo narrativo e leve para as apresentações das matérias, tentando se aproximar do clima bucólico, do campo, da natureza, que são ambientes próximos do público ao qual se quer atingir. Além disso, há uma preocupação com o tratamento das imagens e com a busca de especialistas que consultam não só os conteúdos das reportagens, mas que também atendem as respostas das cartas enviadas pelos produtores rurais.

### **O tratamento da mensagem**

O tratamento da mensagem a ser veiculada na televisão deve ser realizado com a máxima cautela e preconizar o uso da linguagem adaptada a quem irá recebê-la. A elaboração da mensagem feita corretamente, demonstra que o comunicador rural conhece as peculiaridades da cultura e das características do público ao qual está se dirigindo. É preciso entender que: “Comunicação e Linguagem são conceitos complementares e interdependentes, a comunicação não pode ser abordada apenas pelo aspecto técnico ou tecnicista e a linguagem não pode ser considerada como simples instrumento de comunicação.” (GONÇALVES, 2005, p. 13).

A elaboração de propostas comunicacionais visuais e audiovisuais é importante para prender a atenção do camponês às imagens, cenas e sons diferenciados.



Quando a comunicação entre o emissor e o receptor é feita por meio da televisão, alguns cuidados devem ser tomados, como por exemplo, o uso de uma linguagem coloquial.

Segundo Parternostro (2006), linguagem coloquial é aquela que está na boca do povo, aquela usada na conversa entre duas, três ou mais pessoas. A autora preconiza ainda que quanto mais as palavras forem familiares ao telespectador, maior será o grau de comunicação.

Quando retrata-se a realidade da população rural, tem-se que entender suas características, suas crenças, que são provenientes principalmente da oralidade, da cultura falada.

O processo de significação e compreensão formado pela ciência da linguagem e estudo dos signos, conhecida por semiótica, é formado por três etapas segundo Peirce: a primeiridade, que corresponde ao momento em que o intérprete recebeu uma informação por meio de seus sentidos, mas ainda não a trabalhou em sua mente. Em seguida, há a secundidade, que reflete o momento em que o intérprete de determinado signo está processando a informação e reorganizando “as gavetas” memoriais para promover o diálogo interativo com esse estímulo. A etapa final é a terceiridade que constitui a formação de um dado conclusivo sobre aquele objeto procurado, compreendendo-o e transformando-o, portanto, em memória e conhecimento. (SANTAELLA, 2004).

Unindo a idéia de conotação e denotação aos estudos semióticos, observa-se que a percepção do homem rural é diferenciada. O alcance da terceiridade acontece de acordo com as concepções e aprendizados que o observador do campo tem baseados em suas crenças e experiências de vida. “Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de idéias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo” (FIORIN, 2007, p. 32).

Dentro das limitações do receptor ao qual a comunicação é voltada, há um universo de possibilidades de abordagem imagética para a construção de uma mensagem eficaz, podendo-se valorizar mais a objetividade e a denotação.

As novas tecnologias de comunicação apresentam um caráter educativo e didático, favorecendo o acesso de informações às populações que não teriam acesso a elas.

Os desafios atuais da comunicação destinada ao setor rural, giram em torno da interação crescente com os ideais da cidade através da industrialização do campo,



questões ambientais como a demarcação do novo código florestal e ampliação dos valores do campo presentes em veículos especializados em *websites*, programas de televisão, cadernos agrícolas em jornais de grande circulação, que mostram o campo à cidade e ainda adaptar a linguagem científica ao universo do agricultor.

O envio de cartas aos meios de comunicação especializados no setor tem se mostrado uma ferramenta de grande valia para a resolução e correção de diversas práticas agrícolas mal desempenhadas por falta de conhecimento sobre elas. O Programa Globo Rural exibido pela Rede Globo, apresenta uma seção de cartas que é um “espaço aberto para o pequeno agricultor ou pecuarista expor seus problemas e receber pareceres de especialistas, geralmente vinculados aos Institutos de pesquisa de Universidades com grau de excelência de pesquisa. (GONÇALVES, 2005, p.11)

### **No ar, a seção de cartas**

O Programa Globo Rural, primeiro do gênero no país, começou com o intuito de reforçar e documentar a vida do campo e as atividades agropecuárias.

Em relação ao conteúdo apresentado, Ribeiro (2005) informa que o telespectador do programa encontra reportagens de caráter informativo, educativo e também de entretenimento. Sendo assim, o programa poderia ser classificado em uma categoria mista (informação/educação, por exemplo).

No site do programa, o visitante pode assistir a um vídeo apresentado pelo jornalista Nelson Araújo sobre a elaboração da edição semanal aos domingos. Na exibição, Araújo mostra a construção dos blocos, os consultores do programa e também a seção de cartas do Globo Rural: “São mais de centenas de cartas que chegam todas as semanas, a engrossar nosso banco de pautas que já conta com mil roteiros de possíveis reportagens especiais, dentro e fora do Brasil”. (ACOMPANHE..., 2008).

A seção de cartas está presente no programa desde sua estreia em 1980. Atualmente, as cartas escritas à mão dividem espaço com as digitadas em computador e com os e-mails. Na edição de domingo, dia 5 de abril, por exemplo, foram respondidas três cartas e um e-mail. A primeira correspondência apresentada transformou-se em uma matéria na qual a repórter Ana Dalla Pria entrevistou um agrônomo para tirar as dúvidas da telespectadora Catharina Araújo.



Dona Catharina, aqui nessa propriedade no município de Teresópolis, nós encontramos um pé de louro exatamente com o problema que a senhora descreve aí na sua carta. Dá uma olhada aqui, as folhas estão cheias de pontinhos brancos e depois vão ficando mais escuras não é? Quem vai explicar para a senhora o que está acontecendo aí, é o doutor Maurício Reis que é agrônomo da Emater. (GLOBO RURAL, 2009).

A matéria foi conduzida do problema à solução, com a interação da repórter com o agrônomo procurando uma linguagem mais simples e menos técnica, além de sempre direcionar-se à remetente da carta, Dona Catharina.

Os pronomes de tratamento “seu”, “dona”, “senhora” foram muito utilizados para as respostas das cartas.

A seção de cartas do Globo Rural é mais uma ponte que liga o conhecimento técnico à necessidade do produtor rural. Pela tela da televisão, essa dinâmica de pergunta e resposta promove uma ‘conversa’ entre o agricultor que nos escreve, o técnico, o jornalista e o telespectador. (NA ERA..., 2009.)

Para estabelecer este elo entre a ciência e a dúvida do camponês, é preciso que seja desenvolvida uma linguagem adaptada ao público rural. De acordo com Souza (1996), a partir do momento em que as cartas são selecionadas para irem ao ar o repórter vai buscar a melhor resposta que se aplica à necessidade do telespectador, consultando os conhecimentos de um técnico e fontes relevantes na área. “[...] o agrônomo ou veterinário dá todas as explicações necessárias sobre o assunto. Com um detalhe: as respostas das cartas são rápidas e possuem uma linguagem bem clara.” (SOUZA, 1996, p. 76).

As cartas revelam também a característica de cada região do país, seus costumes, hábitos por meio de suas perguntas, que muitas vezes envolvem a produção local e o sustento de comunidades que enfrentam problemas para manterem-se ou para levar seus trabalhos adiante sem o conhecimento necessário.

### **Com a voz, o especialista**



No ano de 2007, acompanhamos a produção de uma matéria de resposta a duas cartas enviadas ao Programa Globo Rural, no Campo Experimental de Coronel Pacheco-MG, que pertence à Embrapa Gado de Leite. Os assuntos eram papilomatose bovina e ferimentos nas patas de animais. Na ocasião observamos que a primeira carta a ser respondida continha a descrição do caso, com fotos dos animais acometidos pela papilomatose, doença causada por um vírus. O telespectador queria saber quais eram os tratamentos possíveis para a doença e como proceder com o animal.

A pesquisadora Vânia Maria de Oliveira respondeu as dúvidas do produtor rural. No seu relato sobre os procedimentos de resposta, ela informou que foi instruída pela repórter que realizava a matéria, a responder de forma direta, dizendo apenas o que havia sido perguntado e com soluções práticas. Vânia informou ainda que em suas palestras proferidas em todo país ela observa as diferenças regionais. “Não se pode aplicar o mesmo trabalho em todas regiões do país”. (OLIVEIRA, 2009). Esta ideia reforça a necessidade de ressaltar o regionalismo e o respeito ao conhecimento dos habitantes da zona rural.

### **Considerações finais**

O desenvolvimento rural e agrário depende da comunicação, já que esta é uma ferramenta imprescindível para a difusão de novas pesquisas e tecnologias que poderão trazer benefícios à agricultura e à pecuária.

Com este trabalho busca-se entender o conteúdo televisivo voltado para o produtor rural, que envia suas dúvidas por meio de cartas e que espera das produções dos programas e jornalistas, uma resposta clara, simples e aplicável às suas realidades, que só trará benefícios e o estreitamento entre o conhecimento científico e a sabedoria popular, proporcionando a melhoria do trabalho no campo.

### **Referências**

ACOMPANHE os bastidores do Globo Rural de Domingo. São Paulo: Globo Rural, Rede Globo (2008). Disponível em: <http://video.globo.com/Videos/Player/Noticias/0,,GIM385857-7823-CONHECA+A+REDACAO+DO+GLOBO+RURAL,00.htm>.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é comunicação rural?**. São Paulo: Brasiliense, 1983.



CALLOU, Angelo Brás Fernandes. **Comunicação Rural e comunicação na era das tecnologias do virtual**: proposição para um debate. Santiago: V Congreso Latinoamericano de Ciencias de la Comunicación (Alaic), GT - Comunicación, Tecnología y Desarrollo. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/alaic/chile2000/1GT%202000Com%20Tecnologia%20e%20desarrollo/Angelobrasfernandez.doc>>. Acesso em: 2 de abr. 2009.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.

GLOBO RURAL edição de 05.04.2009. São Paulo, Rede Globo, 2009.

GONÇALVES, Elizabeth Moraes. **A construção do discurso sobre o meio rural**: uma análise do Programa “Globo Rural”. São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://elizabethgoncalves.pro.br/wp-content/uploads/2007/10/2005\\_ecos\\_discursosobreomeiorural\\_br.doc](http://elizabethgoncalves.pro.br/wp-content/uploads/2007/10/2005_ecos_discursosobreomeiorural_br.doc)>. Acesso em: 2 abr. 2009.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática, 2004

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular, taxonomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

NA ERA da internet, Globo Rural mantém tradição do envio de cartas à televisão. São Paulo: Globo Rural, Rede Globo (2009). Disponível em: [www.globo.com](http://www.globo.com). Acesso em 3.04.2009.

OLIVEIRA, Vânia Maria de. **Entrevista concedida a Júlia Silva Fernandes**. Juiz de Fora, 20 de março de 2009.

RIBEIRO, Marcelo Jorge Pereira. **O globo Rural e a Comunicação no Campo – um estudo da recepção realizada pelos pequenos produtores**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica?**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. Conhecer ou não conhecer, eis a diferença. In: \_\_\_\_\_. **Para filosofar**. São Paulo: Scipione, 2000.

SENE, Eustáquio de.; MOREIRA, João Carlos. **Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização**. São Paulo: Scipione, 1998.



SOUZA, Jakeline de Souza. **Globo Rural: A cultura popular na mídia.** Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora. 1996.

PARTERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.